

(Re)Aprendizagens

Carlos Serra

Escola Secundária de São Lourenço

«**Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**», frase testemunha da voracidade temporal que nos impele para a mudança e, de mudança em mudança, comunicamos com outras realidades próximas ou distantes, mas que nos conquistam. «Que ânsia distante perto chora?», distância que cartografámos, primeiro com (in)certezas nebulosas e com sacrifícios que superavam «a força humana», mas a aliança da crença com a vontade de renovação dissipou o nevoeiro que nos envolvia. Assim, ao longo dos séculos, contribuímos para a mudança do ser, acreditando e confirmando que «todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades.» Ao oferecermos «novos mundos ao mundo», «continuamente [vimos] novidades, muitas vezes «diferentes em tudo». Se «ficam as mágoas na lembrança», porque a mudança se cruza com a *perdição* e com o *reencontro*, se a saudade aperta «o peito ilustre lusitano» e nos percorre interiormente, acordamos e lembramo-nos de que «o tempo cobre o

chão de verde manto», esse chão «que já coberto foi de neve fria».

Revisito o soneto camoniano, ouço a voz quinhentista e a do supra camões, reaprendo a ler estes textos de tessituras complexas, mas que se atualizam com cada leitura. A constante (re)aprendizagem chama o conceito de cultura que não é mais do que aquilo que aprendemos depois de termos esquecido tudo. Voltamos ao palimpsesto medieval, à reescrita e à rasura do pergaminho, à destruição para a criação. E esta convivência com o texto literário não é mais do que a experiência e gozo do belo (esse texto que problematiza, mas não avança com soluções – tarefa do leitor), não é mais do que uma autorização para o despertar da curiosidade e da mudança, arrecadando o leitor com as consequências, ou seja, deliciar-se com o resultado de um ato criativo de alguém que foi generoso e nos convidou para saborear e participar na complexidade que um texto literário alimenta.